

## AS ÁREAS RESIDENCIAIS DE CIRCULAÇÃO E DE REPRESENTAÇÃO DAS *DOMUS* DE *BRACARA AUGUSTA*

Fernanda MAGALHÃES<sup>1</sup>

Unidade de Arqueologia, CITCEM, Universidade do Minho (Braga)

Recibido: 14/07/2013

Aceptado: 04/11/2013

**RESUMO:** En las últimas tres décadas han sido realizadas en Braga, dentro del «Proyecto de Salvamento de *Bracara Augusta*», una serie de trabajos de campos que han proporcionado abundante información arqueológica, lo que nos permitir analizar pormenorizadamente la arquitectura doméstica de la ciudad. Estos datos van a posibilitar el estudio y caracterización de algunos edificios y cuarterones de *Bracara Augusta*. A pesar de los numerosos restos de estructuras de habitación que han sido identificados en las distintas intervenciones, el presente estudio se limitará a examinar un único tipo de casa: la *domus*. En primer lugar, procuraremos contextualizar debidamente este tipo de casa. Seguidamente analizaremos las partes orgánicas asociadas a la representación y circulación, de tal forma que podamos caracterizar tanto sus formas y construcciones, como sus funciones.

**PALABRAS-CHAVE:** *Bracara Augusta*, el urbanismo, la arquitectura privada, *tablinum*, *triclinium*, *exedra*, *atrium*, *peristylum*.

**ABSTRACT:** In the last three decades were held in Braga within the «Projeto Salvamento de *Bracara Augusta*» a set of excavations, which have provided significant data allowing to analyze the subject of domestic architecture. This data will enable the study and characterization of some houses and quarters of *Bracara Augusta*. Although the wide archeological record related with private architecture this study is limited to the analysis of a single type of house, the *domus*. We intend to contextualize this type of house and to analyze its organic spaces associated to the representation and circulation in order to highlight their formal constructive and functional specificities.

**KEYWORDS:** *Bracara Augusta*, urbanism, private architecture, *tablinum*, *triclinium*, *exedra*, *atrium*, *peristylum*.

### INTRODUÇÃO

Os cenários da vida quotidiana das sociedades antigas podem ser revividos

---

<sup>1</sup> Bolseira de investigação do Projeto «Paisagens em mudança. *Bracara Augusta* e o seu território (séculos I–VII)» (PTDC/HIS-ARQ/121136/2010).

através da descoberta dos vestígios materiais, como estruturas e objetos, uma vez que essas materialidades representam os espaços e as vivências dos mesmos que caracterizaram as paisagens construídas do passado. Apesar de a arqueologia ter acesso apenas a um registo fragmentado, que condiciona, naturalmente, a nossa compreensão da funcionalidade dos espaços urbanos, a nossa perceção das construções que formalizavam as cidades romanas só pode ser conseguida através da análise dos vestígios fornecidos pelo registo arqueológico.

A cidade romana caracterizava-se pela conceção utilitária e prática de espaço, pelo que este tinha que responder às necessidades de quem o habitava, através das criações originais da sua arquitetura, que se convertiam numa excelente forma de propaganda política, usada para promover a incorporação dos territórios integrados no Império.

O conhecimento sobre o modo de vida romano está em grande medida relacionado com o estudo das cidades, tendo as conceções relativas aos espaços urbanos romanizados sido significativamente ampliadas com o desenvolvimento da arqueologia urbana, a partir dos anos 70 do século XX.

Tal como o mundo urbano provincial, também a análise da arquitetura privada romana tem vindo a merecer um lugar de destaque na investigação arqueológica das últimas décadas, proporcionando novos dados sobre a estrutura e economia das cidades romanas.

Quando se aborda o universo da arquitetura privada romana importa ter em conta vários aspetos, entre os quais, a inserção dos edifícios na malha urbana, as técnicas construtivas, os materiais usados, a função dos diferentes espaços da casa e o programa decorativo, uma vez que todos contribuem para compreendermos melhor o complexo mundo que formalizava a casa como residência, mas também como espaço social. De facto, o modo de vida de um romano pode ser percecionado através da análise da sua casa<sup>2</sup>. Segundo Wallace-Hadrill, terão sido as exigências da vida social pública que levaram os romanos a construir e decorar as suas casas, pelo que a habitação deve ser entendida como um documento fundamental da história social romana<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> FERNÁNDEZ DIAZ, A. e QUEVEDO SÁNCHEZ, A. (2008). «La configuración de la arquitectura doméstica en *Carthago Nova* desde época tardo-republicana hasta los inicios del bajoimperio». *AnMurcia*, vol. 23-24, pp. 273-309.

<sup>3</sup> URIBE AGUDO, P. (2004). «Arquitectura doméstica en Bilbilis: la Domus I». *Saldvie*, nº 4, pp. 191.

Assim, a casa romana não deve ser interpretada apenas como mera construção, devendo antes ser entendida como um organismo vivo que foi criado para responder a um complexo conjunto de objetivos, segundo uma lógica de produto social, já que a sua construção tem que ser compreendida como resultado de um complexo fenómeno cultural, uma vez que a sua organização e forma foram influenciadas pelo meio social, não sendo pensadas em função de meras necessidades privadas<sup>4</sup>.

As casas senhoriais romanas, ou *domus*, eram pensadas para cumprir os fins políticos e sociais do seu proprietário, pelo que constituíam uma representação física do seu poder económico, devendo funcionar como estrutura de controlo social.

Deste modo, cada casa constituía um microcosmo experimental que pode ser analisado como um universo em miniatura. Embora não haja duas casas rigorosamente iguais, todas apresentam semelhanças entre si<sup>5</sup>.

Neste sentido, quando se estudam os vestígios das construções habitacionais estamos a lidar com uma informação complexa que não pode ser abordada apenas como algo meramente físico.

Com base num conjunto selecionado de sítios arqueológicos escavados, ao longo dos últimos trinta e seis anos, no âmbito da arqueologia urbana da cidade de Braga, realizada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, decidimos focar a nossa atenção na cidade de *Bracara Augusta*, de forma a caracterizar a sua arquitetura privada, centrando a nossa análise nas áreas de representação e circulação.

## **1. AS ÁREAS RESIDENCIAIS DE CIRCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO**

A arquitetura privada reflete sempre nas suas características gerais a natureza da sociedade que a produziu, revelando aspetos de natureza social e económica relacionados com o *status* do seu proprietário.

Assim, as *domus* estavam circunscritas a determinados estratos sociais, principalmente às elites, desempenhando um papel importante à luz da vida pública, sendo símbolo do êxito e da nobreza dos seus proprietários. Nelas podia-se viver ou ser admitido, pois a ostentação e a decoração da habitação estava

---

<sup>4</sup> RAPOPORT, A. (1972). *Vivienda y cultura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, pp. 65.

<sup>5</sup> FERNÁNDEZ VEGA, P. A. (1999). *La casa romana*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 454.

relacionada com a vivência social do seu possessor, tentando sempre responder a uma sociedade altamente competitiva<sup>6</sup>.

A casa senhorial romana era concebida em função do seu interior, tendo cada parte um uso concreto, quer para dormir (*cubicula*), quer para jantar (*triclinia*), quer ainda para receber as visitas (*exedrae, oecus*) ou os clientes (*tablinum*)<sup>7</sup>.

As diferentes áreas da casa romana, bem como a sua disposição arquitetónica estão sempre associadas à sua natureza funcional, havendo uma estreita articulação entre os espaços, apesar destes estarem quase sempre organizados em torno de duas esferas, uma privada, dedicada aos usos domésticos e ao convívio social e outra semiprivada, destinada às visitas e ao negócio<sup>8</sup>.

A habitação senhorial romana era concebida para refletir o *status* do seu proprietário e devia transmitir a imagem que este desejava passar ao exterior, uma vez que era aí que recebia diariamente um elevado número de clientes para o saudarem, numa prática identificada como *salutatio*.

Sem dúvida que a habitação romana cumpria diversas funções, transformando-se na sede de atividades bastante heterogéneas, entre as quais se destaca a organização de banquetes, que serviam para o proprietário demonstrar o seu estilo de vida, a sua cultura e as suas amizades. Neste sentido, havia diversos espaços da *domus* destinados a receber as visitas como *tablinum, triclinium, exedra e oecus*.

Neste trabalho pretendemos abordar esses espaços, que se destinavam à representação, ou seja, aqueles que cumpriam a função de receber os convidados do senhor e que permitiam criar uma imagem do dono da casa, da sua riqueza e nível cultural, funcionando como espelho daquilo que o *dominus* queria demonstrar, o que era em parte conseguido através dos programas decorativos.

Nesta análise abordaremos, ainda, as áreas que permitiam aceder aos referidos espaços de representação, ou seja, as zonas de circulação, organizadas em redor de espaços abertos, numa primeira fase em redor do *atrium* e depois, com a evolução

---

<sup>6</sup> SILVA, J. R. C. (2000). *A insula das Carvalheiras. Estudo de um exemplo de arquitetura privada em Bracara Augusta*. Tese de mestrado em Arqueologia (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 29.

<sup>7</sup> GUILLEN, J. (1997). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 57-77.

<sup>8</sup> SILVA, J. R. C. (2000). *A insula das Carvalheiras. Estudo de um exemplo de arquitetura privada em Bracara Augusta*. Tese de mestrado em Arqueologia (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 29.

da *domus*, em torno do *peristylum*, áreas que funcionavam como elementos distribuidores, bem como fonte de luz e ar para a casa.

No entanto, nem sempre é fácil interpretar a funcionalidade dos espaços das *domus* romanas, considerando que muitas vezes apenas possuímos plantas incompletas das mesmas. Por um lado, as casas eram organismos vivos, que podiam durar vários séculos, o que conduzia com frequência à mudança de proprietário, bem como a frequentes grandes ou pequenas remodelações, nem sempre fáceis de interpretar a partir do registo arqueológico<sup>9</sup>. Outra dificuldade, referida pelas próprias fontes escritas, está associada à diversidade de funções que certos espaços podiam cumprir.

Neste sentido, sendo nossa intenção efetuar uma abordagem das áreas de representação e circulação das casas romanas de *Bracara Augusta*, teremos que analisar os dados disponíveis, designadamente aqueles que se relacionam com a orientação das salas, os pavimentos conservados, a decoração dos espaços, a localização dos vestígios dentro da planta da casa, bem como a própria morfologia da habitação. Por outro lado, será necessário correlacionar os dados disponíveis sobre as casas romanas de Braga com outros existentes para outras cidades do Império.

## **2. FONTES PARA O ESTUDO DA ARQUITETURA DOMÉSTICA**

No estudo da casa romana deve-se valorizar, primeiramente, as fontes arqueológicas, porque são aquelas que mais informações podem disponibilizar, muito embora essa informação deva ser conjugada com os dados disponíveis de origem literária e iconográfica.

Em relação, às fontes arqueológicas, cabe destacar a preciosa informação fornecida pelas escavações das cidades de Pompeia e de Herculano. De facto, a *domus* pompeiana é considerada como um caso paradigmático para o estudo da arquitetura privada romana, tanto pelo seu estado de conservação, como pelo seu valor representativo, permitindo compreender a evolução das unidades habitacionais do período republicano e do primeiro século da nossa era, servindo de paralelo para analisar a difusão deste modelo pelas províncias ocidentais. Com efeito, as amplas áreas já conhecidas das duas cidades têm proporcionado dados únicos para a compreensão do quotidiano da vida urbana romana, constituindo uma

---

<sup>9</sup> URIBE AGUDO, P. (2009). «Triclinia y salones triclinares en las viviendas romanas urbanas del cuadrante nordeste de la Península Ibérica (I a.C. – III d.C.)». *Archivo Español de Arqueología*, 82, pp. 153.

fonte inesgotável de conhecimento para o estudo dos edifícios públicos e privados romanos, designadamente para a compreensão da arquitetura e da sua evolução, das técnicas construtivas e da funcionalidade dos espaços. No entanto, os modelos de habitações de Pompeia e Herculano valem sobretudo para o estudo da arquitetura doméstica luxuosa, uma vez que a habitação mais modesta continua ainda a ser bastante mal conhecida.

No que concerne às fontes literárias, merece destaque a obra de Vitruvius, *De Architectura*, que constitui, sobretudo, um manual de orientações genéricas no campo da urbanística, da arquitetura e da arte de bem construir. No caso da construção doméstica este legado compreende várias regras para bem construir, tais como o registo de medidas dos espaços da casa adequadas à sua respetiva função, ou a disposição dos compartimentos, tendo em vista a classe social do proprietário<sup>10</sup>. Contudo, os axiomas vitruvianos, expostos no *Livro VI*, não podem ser adotados como modelos expressivos da casa romana, já que o autor nunca descreveu a casa romana, mas somente definiu regras para a sua construção<sup>11</sup>.

Em relação, às fontes iconográficas, cabe referir o contributo das pinturas murais, dos mosaicos, ou dos altos-relevos de vários monumentos funerários e comemorativos, que proporcionam representações de construções domésticas.

### 3. ARQUITETURA DOMÉSTICA EM *BRACARA AUGUSTA*

Nos anos 60, do século XX, surgem as primeiras escavações na cidade de Braga, que fornecem os primeiros dados relativos à arquitetura doméstica de *Bracara Augusta*. Contudo, a grande maioria dos vestígios de casas, com cronologias que se situam entre o período Flávio e o Baixo-império, foi exumada nas largas dezenas de escavações realizadas a partir de 1976 no âmbito do ‘Projecto de *Bracara Augusta*’, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho<sup>12</sup>.

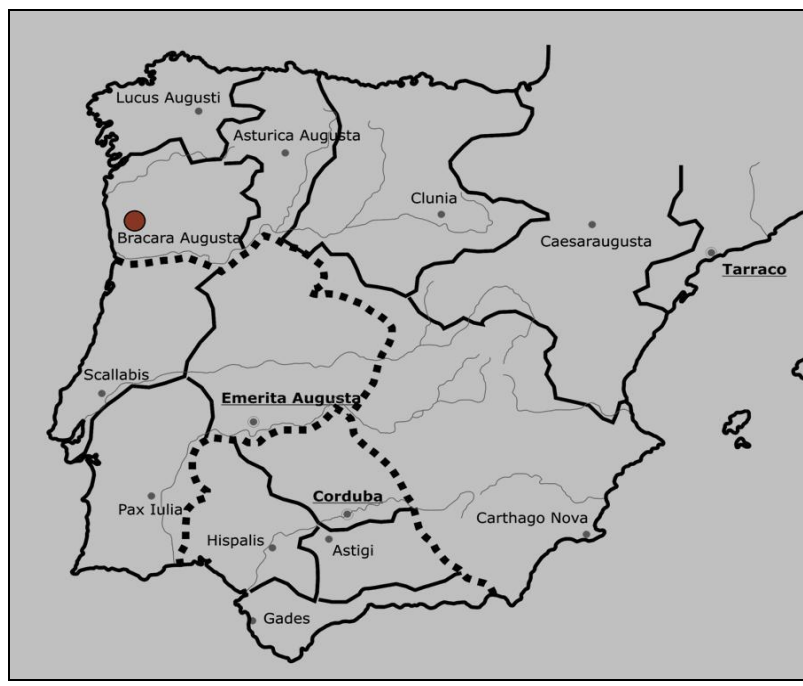
---

<sup>10</sup> SILVA, J. R. C. (2000). *A insula das Carvalheiras. Estudo de um exemplo de arquitetura privada em Bracara Augusta*. Tese de Mestrado em Arqueologia (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 27.

<sup>11</sup> URIBE AGUDO, P. (2008). *La edificación doméstica urbana romana en el Nordeste de la Península Ibérica (s. I a. C-III d. C)*. Tese de Doutoramento (policopiada), Universidad de Zaragoza, Zaragoza, pp. 22.

<sup>12</sup> MARTINS, M. e DELGADO, M. (1990). «História e arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*». *Cadernos de Arqueologia*, 6/7, Série II, pp. 11-39.

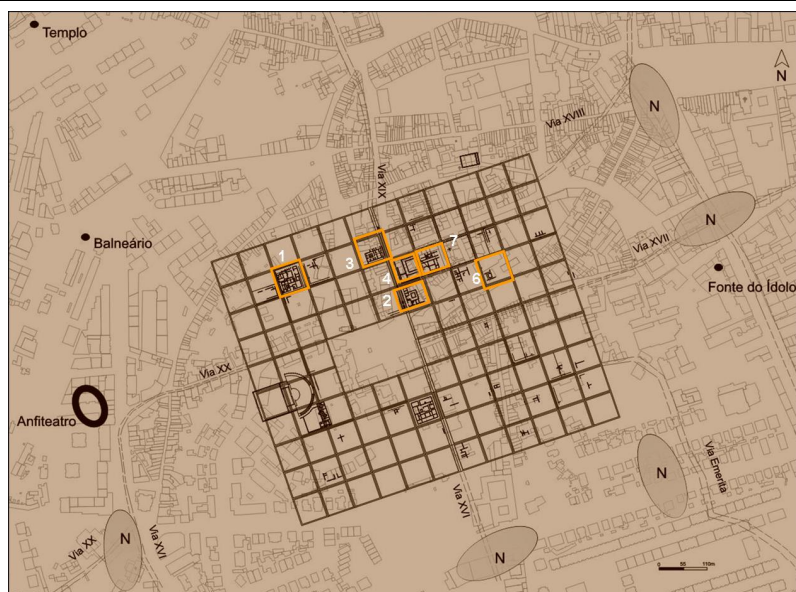
**Figura 1.** Mapa da Península Ibérica com a localização de Bracara Augusta (arquivo UAUM)



Apesar dos numerosos vestígios de habitações que foram identificados por toda a cidade, os estudos realizados até ao momento permitiram reconhecer apenas um único tipo de casa, a *domus*, já que o registo arqueológico ainda não forneceu, qualquer outro tipo de estrutura habitacional urbana. Os exemplares individualizados permitem confirmar a reprodução de elementos caracterizadores da arquitetura privada, como a representação do modelo de casa itálica de átrio e peristilo, ou simplesmente de peristilo, a integração de banhos privados na habitação e a profusão de pórticos em redor das habitações, de forma a possibilitar o acesso às *tabernae*<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> MARTINS, M. e FONTES, L. (2010). «Bracara Augusta. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica na capital da Galécia Romana». *Simulacra Romae II. Rome, les capitales de province (capita prouinciarum) et la création d'un espace commun européen. Une approche archéologique. Bulletin de la Société archéologique champenoise*, Mémoire n° 19, pp. 111-124; MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta* [recurso electrónico]. Tese de Mestrado (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 21 <<http://hdl.handle.net/1822/13619>>.

**Figura 2.** Malha urbana de *Bracara Augusta* com a localização das *domus* (arquivo UAUM). 1 – *Domus* das Carvalheiras; 2 - *Domus* do Ex. Albergue; 3 - *Domus* da Escola Velha da Sé; 4 - *Domus* da Frei Caetano Brandão e Santo António das Travessas; 6 - *Domus* do Seminário de Santiago; 7 - *Domus* da Afonso Henriques



No entanto, os abundantes vestígios associados a núcleos residenciais apresentam um carácter fragmentário, o que dificulta a recuperação planimétrica dos edifícios. Na verdade, até ao momento, apenas foi possível escavar na íntegra a totalidade de uma habitação, a *domus* das Carvalheiras, que pode representar um exemplar paradigmático da arquitetura doméstica de *Bracara Augusta*<sup>14</sup>.

Este conjunto habitacional localizava-se numa área residencial do setor noroeste da cidade, nas proximidades da zona monumental da cidade romana. Trata-se de uma habitação construída no último quartel do século I, que ocupava a totalidade de um quarteirão, sendo limitada por quatro ruas que permitiam o acesso aos pórticos e às *tabernae* dispostas na parte baixa das casas.

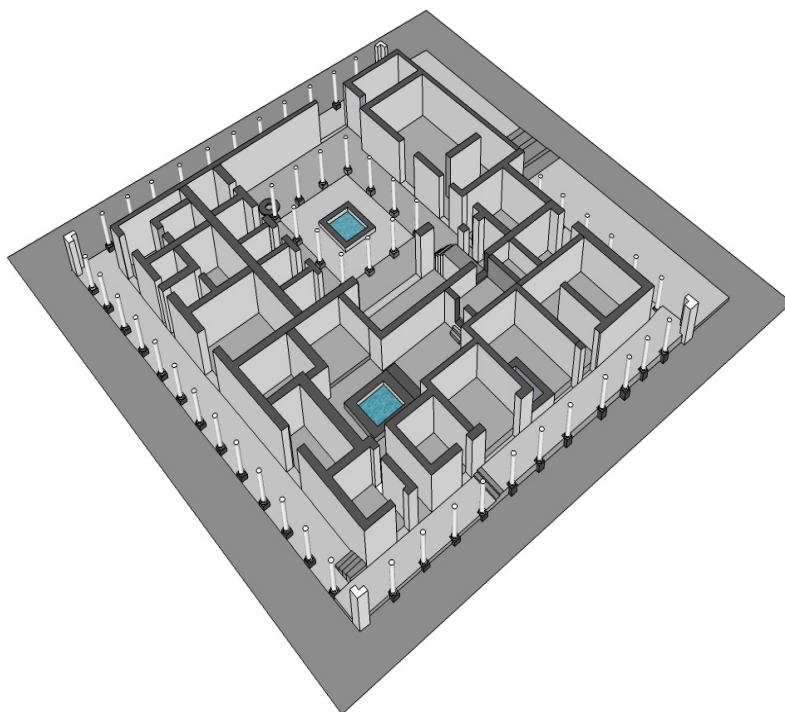
A *domus* das Carvalheiras corresponde a um modelo clássico de casa de átrio e

<sup>14</sup> MARTINS, M. (1998). «A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto». *Cadernos de Arqueologia*, 14 /15, Série II, pp.23-45.



peristilo, de forma aproximadamente quadrangular, ocupando uma área de 1152 m<sup>2</sup> (110 x 120 pés)<sup>15</sup>. Este núcleo habitacional desenvolvia-se em duas plataformas, como solução para os problemas apresentados pela topografia do terreno. Assim, na plataforma mais elevada situavam-se o átrio e os compartimentos envolventes, enquanto a zona mais baixa estava associada ao núcleo do peristilo, que formalizava uma ampla área aberta em torno da qual se desenvolviam vários espaços da casa. As duas áreas encontravam-se ligadas internamente por uma escada interior.

**Figura 3.** *Restituição 3D da domus das Carvalheiras (século I)*

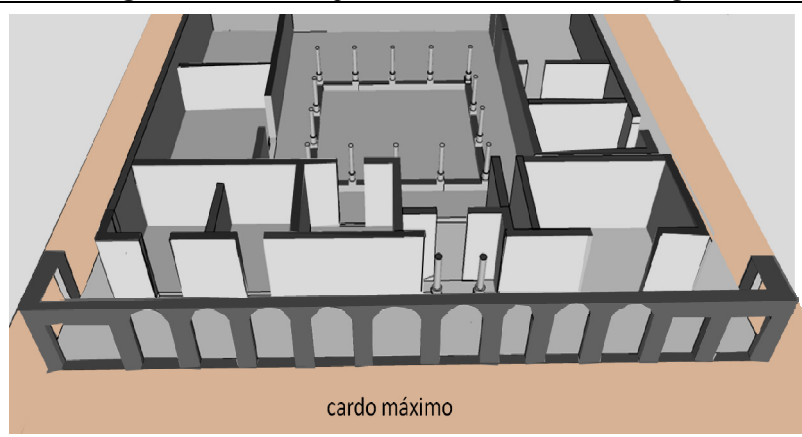


<sup>15</sup> MARTINS, M, RIBEIRO, J, MAGALHÃES, F. e BRAGA, C. (2012a). «Urbanismo e Arquitetura de Bracara Augusta. Sociedade, economia e lazer». En RIBEIRO, M. e SOUSA, A. (eds.). *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*. Braga: CITCEM, pp. 29 -69.

Na primeira metade do século II, a *domus* sofreu a sua primeira remodelação, tendo sido construído um balneário no seu quadrante noroeste que levaria à inutilização de todo este sector norte da casa e à adaptação do anterior peristilo a uma área da palestra das termas, já que os compartimentos envolventes foram convertidos em lojas (*tabernae*)<sup>16</sup>.

Uma outra unidade habitacional foi identificada na zona arqueológica do Ex. Albergue Distrital, localizava-se numa área nobre da cidade romana, situada nas proximidades do *forum*, ficando a fachada oeste da casa circunscrita por um dos eixos mais importantes da cidade: o *cardo máximo*. Esta casa ocupou a totalidade de um quarteirão, sendo ladeada por pórticos a oeste, norte e sul, apresentando aproximadamente 35,50 m. (117 pés) de comprimento, valor que a aproxima da *domus* das Carvalheiras<sup>17</sup>.

**Figura 4.** *Planta interpretada da domus do Ex. Albergue*



A *domus* do Ex. Albergue Distrital corresponde a um modelo de casa de peristilo, estruturada em volta de um espaço central aberto, o peristilo, que estaria circundado por um pórtico. Em redor do núcleo central foram construídos diversos compartimentos, como o *triclinium*, o *tablinum* e *cubicula*. Apesar do reduzido número de vestígios identificados da área privada da casa, foram individualizadas

<sup>16</sup> MARTINS, M, MEIRELES, J, FONTES, L, RIBEIRO, M, MAGALHÃES, F. e BRAGA, C. (2012b). *Água. Um Patrimônio de Braga*. Braga: UAUM (Unidade de Arqueologia Universidade do Minho) e CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória), pp. 63.

<sup>17</sup> LEMOS, F. S. e LEITE, J. F. (2000). «Trabalhos Arqueológicos no Logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (Ex-Albergue Distrital)». *Forum*, 27, pp. 15-38.

diversas *tabernae*, localizadas na fachada sul e oeste, espaços claramente associados ao domínio público da habitação<sup>18</sup>.

Os vestígios de outra *domus* identificada na zona arqueológica da Escola Velha da Sé correspondem igualmente a um modelo de casa de peristilo, tendo, tal como as anteriores, ocupado um quarteirão da cidade romana, sendo ladeada a nascente pelo cardo máximo.

A habitação foi construída no século I, estruturando-se em redor de um espaço aberto, o peristilo, que funcionou como elemento ordenador e distribuidor dos outros espaços da casa, tendo-se identificado diversos compartimentos, designadamente *cubicula*, um possível *triclinium* e um espaço que podia corresponder a uma *exedra*. A segunda fase desta *domus* caracteriza-se pela construção de um balneário que sacrificou a ala oeste da habitação, bem como toda a zona do peristilo<sup>19</sup>, importante reforma que foi datada dos finais do século III/inícios do IV.

Na área arqueológica da rua Frei Caetano Brandão/Santo António das Travessas identificou-se outra unidade habitacional, também integrada na categoria das casas de peristilo, podendo ser datada de meados do século I. Estava localizada a norte da *domus* do Albergue e encontrava-se ladeada a oeste pela rua que conduzia ao *forum*, o cardo máximo. Ocupou igualmente um quarteirão da cidade romana, conhecendo-se apenas a parte sul da casa.

A área descoberta pelas escavações encontra-se organizada em volta de um espaço aberto, ladeado por um pórtico, em redor do qual estavam localizadas áreas de representação, bem como *cubicula*. O acesso às lojas abertas na fachada poente era realizado a partir do pórtico oeste<sup>20</sup>, o qual acompanhava o cardo máximo.

No século II esta *domus* foi arrasada e sobreposta por estruturas associadas a um grande edifício público, que presumimos associado a umas termas.

Um outro exemplar de *domus* foi identificado no claustro do Seminário de Santiago. Numa fase inicial, correspondente aos finais do século I, esta habitação caracteriza-se por apresentar um espaço aberto rodeado por um pórtico apenas em

---

<sup>18</sup> MAGALHÃES, F. (2013). «Arquitetura doméstica em *Bracara Augusta*». *Interconexões*, Nº 1, Braga, pp. 13-30.

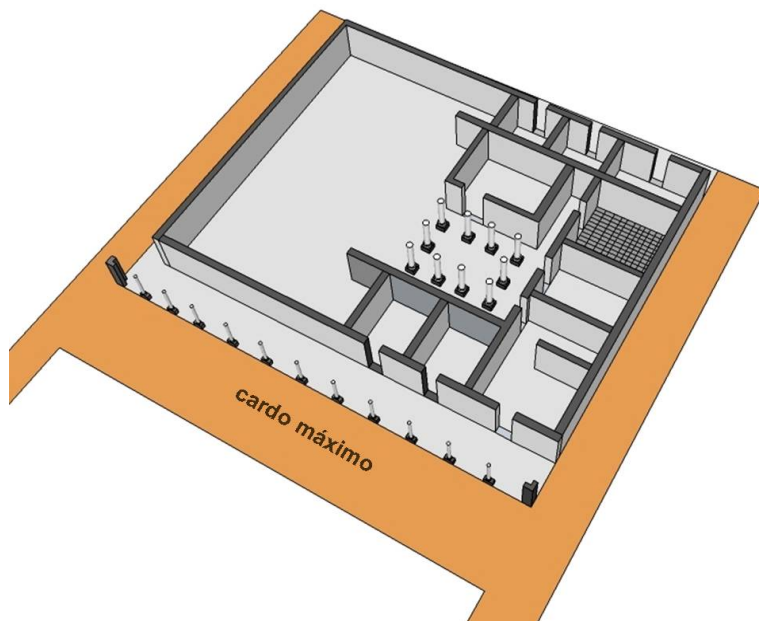
<sup>19</sup> MAGALHÃES, F. (2013). «Arquitetura doméstica em *Bracara Augusta*». *Interconexões*, Nº 1, Braga, pp. 13 -30.

<sup>20</sup> MAGALHÃES, F. (2013). «Arquitetura doméstica em *Bracara Augusta*». *Interconexões*, N º1, Braga, pp. 13-30.

três lados, exibindo o outro uma parede fechada, correspondendo a um modelo de casa de pátio porticado. Nos finais do século III/inícios do IV, esta habitação sofreu uma reforma, da qual podemos identificar a instalação de um balneário e a remodelação da área aberta, que é reconfigurada com um peristilo, no centro do qual foi construído um tanque, revestido com mosaicos com figurações de fauna marinha<sup>21</sup>.

**Figura 5.** Restituição 3D da domus da Frei Caetano Brandão e Santo António das Travessas

---



Outra das casas identificadas foi descoberta nas escavações dos nº 42/56 da rua Afonso Henriques, podendo igualmente ser classificada como *domus* de peristilo. Construída em meados do século I, localiza-se a norte do *decumanus maximus* e a este da unidade habitacional já referida identificada na área arqueológica da rua

---

<sup>21</sup> MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta* [recurso electrónico]. Tese de Mestrado (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 21. <<http://hdl.handle.net/1822/13619>>; MARTINS, M, MEIRELES, J, FONTES, L, RIBEIRO, M, MAGALHÃES, F. e BRAGA, C. (2012b). *Água. Um Património de Braga*. Braga: UAUM (Unidade de Arqueologia Universidade do Minho) e CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória), pp. 60.

Frei Caetano Brandão/Santo António das Travessas. A habitação organizava-se em redor de um espaço aberto, que se desenvolvia a nascente da área escavada. No século II a *domus* foi arrasada para a construção de um balneário público<sup>22</sup>.

**Figura 6.** *Peristilo e pormenor do mosaico do tanque da domus do Seminário de Santiago*



A partir de finais do século III e ao longo do século IV *Bracara Augusta* conheceu um intenso programa de reabilitação urbana, que se associa à promoção da cidade a capital da nova província da *Gallaecia*, criada por Diocleciano. Grosso modo, os edifícios residenciais foram beneficiados com a introdução de balneários privados, passando, simultaneamente, a ocupar anteriores espaços públicos, como os pórticos, os quais são sistematicamente fechados.

Estas reformas revelam uma melhoria, bem como um enriquecimento dos núcleos habitacionais, testemunhando a persistência em *Bracara Augusta* de um grupo social endinheirado, que deveria associar-se às funções administrativas

<sup>22</sup> RIBEIRO, J, FERNÁNDEZ, A, CUNHA, A, MARTINS, M, MAGALHÃES, F. e BRAGA, C. (no prelo). «A cerâmica romana do Balneário da rua D. Afonso Henriques. Estudo preliminar da sequenciação cronológica e ocupacional do edifício». Em *Actas del II Congreso Internacional de la SECAH-Ex Officina Hispana*; MARTÍNEZ PEÑÍN, R, CUNHA, A, MAGALHÃES, F. y MARTINS, M. (no prelo). «La secuencia tardoantigua y medieval de la zona arqueológica Afonso Henriques 36/40 y 42/56: una contribución al estudio de la cerámica medieval de Braga». Em *Actas del II Congreso Internacional de la SECAH-Ex Officina Hispana*.

desencadeadas pelas responsabilidades políticas e religiosas da cidade, quer como capital provincial, quer como sede de bispado<sup>23</sup>.

#### 4. OS ESPAÇOS DAS *DOMUS*

Nos últimos anos os estudos sobre arquitetura privada romana têm experimentado abordagens que se relacionam com a função da casa como espelho social das classes que as habitavam. Porém, esta linha de investigação vê-se confrontada com obstáculos que são inerentes à interpretação da funcionalidade dos diferentes espaços que formalizavam as habitações. Por outro lado, a abordagem da funcionalidade do espaços domésticos oferece ainda maiores dificuldades quando se abordam os vestígios de construções trazidos à luz do dia no âmbito da arqueologia urbana, pelo carácter truncado dos mesmos que, raramente possibilitam a reconstituição da planta integral das ruínas. Por outro lado, os vestígios que vão sendo recuperados pelas escavações, e que permitem formalizar espaços habitacionais, encontram-se, regra geral, bastante arruinados, não fornecendo indicadores decorativos que possibilitem identificar com clareza os espaços orgânicos das casas, como acontece com os pavimentos ou as pinturas murais. De facto, quando estudamos um *triclinium*, o pavimento e o seu esquema compósito são elementos primordiais para definir a tipologia do espaço.

No caso de *Bracara Augusta* este problema é particularmente importante, uma vez que, devido à natureza ácida dos solos, quer os pavimentos em *opus tessellatum*, quer os estuques raramente se preservaram, com exceção das áreas que foram sobrepostas pela cidade medieval, correspondentes ao setor nordeste da cidade romana. Com efeito, só aí tem vindo a ser possível identificar vestígios de pavimentos e pinturas murais, que se apresentam, mesmo assim, muito mal conservados.

Assim, assumimos que a nossa capacidade para estudar a complexa transformação de uma casa urbana, na sua longa duração, é bastante limitada e que as fases que estabelecemos na sua evolução são sempre ‘grosseiras’, caracterizadas que são basicamente por grandes reformas, perdendo-se, na maior parte dos casos, a possibilidade de identificar as pequenas alterações que qualquer residência conheceria ao longo dos séculos. Apesar de todos os constrangimentos expressos e da nossa certeza de que lidamos, no caso concreto de *Bracara Augusta*, com

---

<sup>23</sup> FONTES, L, MARTINS, M, RIBEIRO, M. e CARVALHO, H. P. (2010). «A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII». Em Toletvum Visigodo (ed.). *Actas del Congreso Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*. Toledo: Toletvum Visigodo, pp. 255-262.

vestígios limitados, julgamos poder ser útil realizar um exercício de valorização da persistência ou alteração das diferentes partes orgânicas das casas.

## **4.1 Áreas de circulação**

### **4.1.1 O atrium**

O átrio era um ponto de convergência no interior da casa que possuía uma vocação multifuncional, funcionando como espaço de espera, onde se aguardava pela saudação, ou para ser recebido pelo senhor da casa, algo que acontecia no *tablinum*. Na casa itálica, ou de átrio, este era considerado o centro da habitação, mesmo localizando-se nas proximidades da entrada. As medidas para este compartimento deveriam variar, segundo Vitruvius, entre 30 a 40 pés<sup>24</sup>.

Este espaço da *domus* funcionava como símbolo de distinção social, lugar de acolhimento das visitas, fonte de luz, de ar e de água, pois a abertura no tecto, o *compluvium*, permitia recolher as águas das chuvas que caíam num tanque, o *impluvium*<sup>25</sup>.

Com base nos postulados de Vitruvius o átrio podia apresentar-se com variadas formas, sendo cinco os esquemas possíveis para a sua organização, podendo assumir a forma de *atrium tuscanicum*, *atrium tetrastylum*, *atrium corinthium*, *atrium displuviatum* e *atrium testudinatum*<sup>26</sup>.

O surgimento do peristilo na casa romana implicou a perda de influência do átrio, caindo mesmo em desuso. No entanto, em algumas habitações o *atrium* manteve-se como espaço decorativo, convertendo-se num lugar de passagem, funcionando como uma espécie de antecâmara para se entrar no interior da casa<sup>27</sup>.

Em Braga, o registo arqueológico disponível proporcionou apenas uma habitação com átrio, a *domus* das Carvalheiras. Trata-se de um espaço com uma área útil de cerca 49 m<sup>2</sup>.

---

<sup>24</sup> MACIEL, M. J. P. (2006). *Vitruvius. Tratado de Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, IST Press, pp. 227.

<sup>25</sup> FERNÁNDEZ VEGA, P. A. (1999). *La casa romana*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 111.

<sup>26</sup> MACIEL, M. J. P. (2006). *Vitruvius. Tratado de Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, IST Press, pp. 227.

<sup>27</sup> GUILLEN, J. (1997). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 57-77.

O reconhecimento deste espaço resulta da identificação dos vestígios de um pequeno tanque, o *impluvium*, que apesar de bastante arrasado permite compreender a funcionalidade do *atrium* e calcular uma área de cerca de 10 m<sup>228</sup>.

Devido à ausência de pilares para suportar a colunata que rodeava o tanque é plausível que o átrio da *domus* das Carvalheiras fosse de tipo toscano, sendo o tecto sustentado somente por vigas de madeira que cruzavam a largura do átrio. Estas traves apoiavam-se nas paredes, formando uma abertura no meio, o *compluvium*, que tinha de apresentar a mesma dimensão do *impluvium*.

O átrio funcionava como área de distribuição para os compartimentos localizados em redor, os quais foram desenhados com base numa simetria axial, tendo o *tablinum* sido colocado a norte, no seu eixo central.

#### 4.1.2 O *peristylum*

O *peristylum* representa uma outra área de circulação das *domus*, uma vez que se trata de um espaço aberto, rodeado por um pórtico colunado, em volta do qual se dispunham diversos compartimentos luxuosos e amplos. Sendo a característica principal deste espaço a presença na parte central de um jardim, de razoável dimensão, onde poderiam existir tanques e fontes, aparece como o elemento sumptuoso da habitação<sup>29</sup>.

Quando a vida social se foi impondo na família senhorial romana começou a tornar-se quase impossível desenvolver todas as tarefas domésticas em redor do átrio, pois a casa patricia passou a acolher um grande número de escravos, libertos, clientes que viviam com a família, ou a ela recorriam diariamente, sendo por isso necessário criar novos espaços para solucionar o problema do afluxo de pessoas ao interior da *domus*<sup>30</sup>. Esta evolução da *domus* romana pode ser situada a partir dos finais do século III a.C./inícios do século II a.C, caracterizando-se pela introdução do peristilo, sendo um elemento arquitetónico de influência helenística, que se associa a necessidades sociais de representação.

Inicialmente, este novo espaço da *domus* localizou-se na área que estava anteriormente reservada ao *hortus*, caracterizado pela combinação de vegetação,

---

<sup>28</sup> MARTINS, M. (2000). *Bracara Augusta cidade romana*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 14.

<sup>29</sup> GUILLEN, J. (1997). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 57-77.

<sup>30</sup> GUILLEN, J. (1997). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 57-77.



água, estatuária e colunata, transformando-se, posteriormente, no núcleo da casa, já que a conjugação de todos estes elementos permitiu que o peristilo passasse a ocupar uma posição destacada dentro da habitação.

A implantação do peristilo relegou o átrio para segundo plano, apesar dos dois espaços terem muitas afinidades, já que ambos serviam para ventilar a habitação, introduzir luz, captar água da chuva e ordenar diferentes compartimentos em seu redor. Nos finais do século I a *domus* de átrio caiu em desuso, muito embora o espaço se tenha mantido como elemento decorativo, convertendo-se num lugar de passagem, uma espécie de antessala para se entrar na verdadeira casa<sup>31</sup>.

Em relação a *Bracara Augusta* foi identificado um peristilo na *domus* das Carvalheiras. Trata-se de um espaço que ocupava aproximadamente 241 m<sup>2</sup>, que se situava na plataforma mais baixa da casa, na parte norte da mesma, correspondendo à maior área da habitação.

A *domus* das Carvalheiras estava organizada segundo um modelo de casa de átrio e peristilo, planificada conforme os cânones de construção característicos deste tipo de espaços abertos, sendo estruturada com um deambulatório de circulação porticado, em torno de uma área ajardinada, na qual foi detetado um poço e que seria, presumivelmente, decorada com um tanque<sup>32</sup>.

Este peristilo apresentava um pórtico com uma colunata de modelação interpolada, tendo nos lados menores sido aplicado um módulo de 10 pés, enquanto nos maiores foi utilizado um módulo de 12 pés (3,66 m)<sup>33</sup>. Flanqueando este deambulatório, situavam-se vários compartimentos, destacando-se o *triclinium*, uma *exedra* e *cubicula*, bem como um acesso ao exterior, a partir de uma entrada que foi aberta na fachada norte.

Um outro espaço aberto, correspondente a um peristilo, foi localizado na *domus* do Ex-Albergue Distrital. No entanto, a descrição das características desta área da casa é dificultada pela natureza das evidências arqueológicas, que se apresentam bastante fragmentadas, sendo igualmente muito reduzidas. As ruínas conservadas

---

<sup>31</sup> FERNÁNDEZ VEGA, P. A. (1999). *La casa romana*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 111; GUILLEN, J. (1997). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 57-77.

<sup>32</sup> SILVA, J. R. C. (2000). *A insula das Carvalheiras. Estudo de um exemplo de arquitetura privada em Bracara Augusta*. Tese de mestrado em Arqueologia (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 80.

<sup>33</sup> MARTINS, M. (2000). *Bracara Augusta cidade romana*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

correspondem à sapata dos pilares que suportariam as colunas do pórtico, uma fração do muro sul que deveria delimitar esse espaço, bem como uma canalização que provavelmente estava associada à drenagem das águas recolhidas nesse espaço.

Apesar do carácter reduzido dos vestígios arqueológicos pensamos que esta *domus* estava organizada em função de um peristilo central, em redor do qual se deviam dispor os diferentes compartimentos da casa, funcionando o pórtico do peristilo como elemento distribuidor do edifício. Projetamos esta unidade habitacional com uma estrutura organizativa análoga à observada na Casa de Likine, em La Caridad<sup>34</sup>.

Na zona arqueológica da Escola Velha da Sé foram individualizadas ruínas que apontam para uma *domus* organizada em função de um *peristylum*. Destacamos como elementos que permitem caracterizar o peristilo, um pequeno tanque, que deveria articular-se com uma canalização e um bloco que pode ter servido para apoiar a base de um fuste que integraria a colunata que envolveria esta área aberta. Este corredor deveria apresentar uma largura estimada de 2,20 m. (7 pés). A área aberta estava circunscrita à zona sudoeste da unidade habitacional e deveria ocupar uma área útil de 114 m<sup>2</sup>.

Um outro possível peristilo foi detectado na zona arqueológica da Rua Frei Caetano Brandão/Santo António das Travessas, tal como se verificou em outras unidades habitacionais. Os vestígios conservados deste espaço são diminutos, conservando-se dois pilares que deveriam suportar as colunas do pórtico interior.

Esta área aberta situava-se na zona sul do núcleo habitacional, articulando todos os compartimentos que se distribuíam em seu redor, sendo possível projetar uma área útil de ocupação de 128.64 m<sup>2</sup>.

No Claustro do Seminário de Santiago foram exumados vestígios que se associam ao peristilo de uma outra *domus*, com a particularidade de exibir uma cronologia mais tardia que os exemplares anteriormente mencionados, uma vez que a sua formalização resultou da remodelação de um anterior espaço aberto da casa, ocorrida entre finais do século III/inícios do século IV.

As ruínas que caracterizam este peristilo são os pilares conservados *in situ* e uma base de coluna que suportavam o pórtico que ladeava a área aberta, bem como capitéis coríntios e um tanque central. O intercolúnio apresentava nos lados

---

<sup>34</sup> VICENTE REDÓN, J, PUNTER GOMÉZ, M, ESCRICHE JAIME, C. e HERCE SAN MIGUEL, A. (1991). «La Caridad (Caminreal, Teruel)». Em Instituto Fernando el Católico (ed.). *La Casa Urbana Hispanorromana*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, pp. 113.

menores três colunas, espaçadas entre si com 7.5 pés (2,20 m.), enquanto nos lados maiores deveriam dispor-se quatro colunas, intervaladas com cerca de 6 pés (1,80 m.). Na sua parte central foi implantado um tanque, com 15 pés de comprimento, por 10 pés de largura, com revestimento de mosaico, com motivos de fauna marinha.

Os elementos arquitetónicos associados a esta colunata, designadamente as bases áticas e os capitéis coríntios de folhas lisas, em mármore importado, sugerem que estamos perante um peristilo sumptuoso e requintado de uma rica *domus* do século IV. A presença destes elementos evidencia as disponibilidades pecuniárias do seu proprietário, demonstrando o elevado poder económico da família que residia nesta *domus*.

## **4.2 Áreas de representação**

### **4.2.1. O *tablinum***

O *tablinum* chegou a ser considerado o espaço principal da casa romana, uma vez que era a sede do poder familiar, sendo aí que o *dominus* tratava dos seus negócios, cumprindo funções de escritório, sendo inicialmente, também, uma sala de receção<sup>35</sup>. A partir deste local o dono da casa conseguia controlar todo o átrio e ser visto pelos seus clientes para receber a saudação, localizando-se preferencialmente, no eixo principal do átrio.

Em *Bracara Augusta* foram identificados, até ao momento, três possíveis espaços que podem ser interpretados como *tablina*.

Na *domus* das Carvalheiras este espaço estava localizado a norte do átrio, no seu eixo central, tendo sido desenhado em simetria axial com o *fauces* e a entrada sul da casa. Esta sala de receção ocupava uma área útil de aproximadamente 20 m<sup>2</sup><sup>36</sup>.

Um outro possível exemplar deste tipo de espaço foi identificado na *domus* do ex Albergue Distrital. Localiza-se a norte da entrada da casa, com uma área útil de 28,12 m<sup>2</sup>. A funcionalidade desse espaço foi atribuída com base na localização do compartimento, já que se situa nas proximidades da entrada da habitação, apresentando uma centralidade em relação ao peristilo.

---

<sup>35</sup> GUILLEN, J. (1997). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 57-77.

<sup>36</sup> MARTINS, M. (2000). *Bracara Augusta cidade romana*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta* [recurso electrónico]. Tese de Mestrado (policopiada), Universidade do Minho, Braga, pp. 107. <<http://hdl.handle.net/1822/13619>>.

O outro provável exemplar de *tablinum* encontra-se na *domus* identificada na área arqueológica do Cardoso da Saudade, tendo essa caracterização sido feita com base na sua proximidade relativamente à entrada da casa, bem como pelas dimensões do espaço. Apresenta cerca de 21 pés de comprimento, por 18 pés de largura, ocupando uma área útil de 35 m<sup>2</sup>.

#### 4.2.2. O *triclinium*

A sociedade romana adaptou dos gregos o hábito das pessoas jantarem reclinadas, introduzindo, posteriormente, os triclinícos na casa itálica<sup>37</sup>. Correspondem a salas de jantar que, segundo Vitruvius, deveriam ser estabelecidas para que a sua extensão correspondesse ao dobro da largura, devendo ser orientadas consoante a estação do ano em que iam ser usadas, podendo existir três tipos triclinícos: de verão, de inverno e ao ar livre<sup>38</sup>.

Trata-se de um espaço de representação, no qual se permanecia várias horas, razão pela qual era habitualmente profusamente ornamentado nas paredes, com decorações pictóricas e pavimentos com mosaicos, podendo os tetos ser abobadados<sup>39</sup>.

Nas unidades estudadas em *Bracara Augusta* foram detetados quatro exemplares de presumíveis *triclinia*, um dos quais na *domus* das Carvalheiras, estando localizado no lado nascente do peristilo. Esta grande sala triclinar, que ocupava aproximadamente 62 m<sup>2</sup>, estava virada a poente, tal como Vitruvius aconselhava, de forma a aproveitar os raios de sol, quando eles se dirigiam para ocidente, tornando a sala temperada na altura em que normalmente era usada<sup>40</sup>.

Na *domus* do Albergue Distrital foi caracterizado um outro espaço que poderá corresponder a um *triclinium*, devido à sua posição central com o peristilo, bem como pelas suas dimensões, possuindo uma área útil de cerca de 86,30 m<sup>2</sup>.

Na área arqueológica da rua Frei Caetano Brandão/Santo António das Travessas, na ala sul do peristilo, foi caracterizado um provável *triclinium*, que se encontrava orientado a poente, no eixo da entrada da casa. Trata-se de um grande

---

<sup>37</sup> PAOLI, U. E. (2000). *Urbs. La vida en la Roma Antiga*. Barcelona: Editorial Ibéria, pp. 7.

<sup>38</sup> MACIEL, M. J. P. (2006). *Vitruvius. Tratado de Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, IST Press, pp. 227.

<sup>39</sup> FERNÁNDEZ VEGA, P. A. (1999). *La casa romana*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 253.

<sup>40</sup> MACIEL, M. J. P. (2006). *Vitruvius. Tratado de Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, IST Press, pp. 231.

compartimento, de planta retangular, localizada no lado nascente do peristilo, próximo possivelmente de uma grande sala de receção.

Finalmente conjecturamos que na *domus* da Escola Velha da Sé, também podemos identificar um outro *triclinium*, centrado com o *peristylum*, situado a sul do referido espaço aberto. Corresponderia a uma sala retangular, com uma área útil de aproximadamente 10,30 m<sup>2</sup>.

#### **4.2.3. A *exedra***

Quando se fala de espaços de representação tem que se considerar as *exedrae*, pois correspondem a grandes salas de receção, normalmente de planta retangular ou circular, localizadas normalmente em volta do peristilo, sendo entendidas como lugares de reunião.

Cícero falava das *exedrae* como locais destinados à conversação, verdadeiros símbolos da cultura e do ócio<sup>41</sup>. Para Vitruvius, estas salas deveriam ser amplas e profusamente ornamentadas. Na verdade, estes espaços deveriam representar o verdadeiro *status* do proprietário da casa, localizando-se normalmente em volta do peristilo.

Nas *domus* estudadas de *Bracara Augusta* foram identificadas quatro possíveis *exedrae*, duas das quais na *domus* das Carvalheiras, uma localizada na ala nascente do átrio ocupando uma área útil de aproximadamente 30 m<sup>2</sup> e outra situada no lado sul do peristilo que, no primeiro projeto construtivo da unidade habitacional possuía cerca de 49,80 m<sup>2</sup>. A funcionalidade destas salas foi conjecturada com base na sua localização privilegiada, mas também devido às suas dimensões.

O outro exemplar foi identificado na *domus* da rua Frei Caetano Brandão / Santo António das Travessas e corresponde a um espaço com 28 pés de comprimento e 21 pés de largura, que ocupava uma área de 56,30 m<sup>2</sup>. Situava-se em redor do peristilo e foi certamente ornamentado com pinturas murais, das quais se conservaram vestígios residuais. Esta sala deveria funcionar como uma área complementar em relação ao triclinio da habitação, modelo que encontramos em Celsa, na Casa de Hércules<sup>42</sup>.

Na *domus* da Escola Velha da Sé julgamos igualmente poder identificar duas *exedrae*, referentes a fases construtivas diferentes. O espaço da primeira fase

---

<sup>41</sup> FERNÁNDEZ VEGA, P. A. (1999). *La casa romana*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 154.

<sup>42</sup> BELTRÁN LLORIS, M. (1991). «La Colonia Celsa». Em Instituto Fernando el Católico (ed.). *La Casa Urbana Hispanorromana*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, pp.131-164.

localizava-se no lado nascente do peristilo e abrangia uma área de cerca de 22,60 m<sup>2</sup>. Na segunda fase, a sala de receção situava-se a sul do balneário e ocupava uma área de cerca de 58,50 m<sup>2</sup>, devendo possuir um pavimento revestido com um mosaico, do qual se encontraram alguns fragmentos.

#### 4.2.4. O *balneum*

Finalmente, em termos de espaços de representação das *domus*, é importante referir os *balnea*, ou banhos privados das habitações, que deveriam ser constituídos por salas quentes (*caldaria*), por salas temperadas (*tepidaria*), por salas frias (*frigidaria*) e por um espaço que deveria funcionar como vestiário (*vestibulum* ou *apodyterium*).

Existem autores como Fernández Vega que consideram os banhos privados verdadeiros símbolos de luxo, conforto e riqueza, demonstrando o estatuto elevado dos seus donos. Vitruvius postulou que os banhos privados deveriam estar orientados a oeste, para captarem a luz e o calor da manhã, uma vez que esses espaços normalmente eram usados na parte da tarde<sup>43</sup>.

Entre as habitações que apresentam vestígios de banhos privados encontra-se a *domus* da Escola Velha da Sé, com um balneário instalado na ala oeste da habitação, no âmbito de uma profunda reforma operada na casa em finais do século III/inícios do IV. O conjunto de banhos era constituído por um pequeno *vestibulum*, por um *frigidarium*, por dois *tepidaria* e por um *caldarium*, ocupando uma área de aproximadamente 94,10 m<sup>2</sup>.

Um outro balneário foi individualizado na *domus* identificada no logradouro das casas da Rua Gualdim Pais. Apesar do carácter circunscrito das escavações e do adiantado estado de destruição das ruínas foram identificadas duas salas correspondentes a um espaço de banhos, uma das quais possuía vestígios de um hipocausto (*tepidarium* ou *caldarium*). A sul desta sala situava-se uma área fria, da qual se preservou um pavimento em *opus signinum*, com um friso em tesselas, podendo corresponder ao piso desta sala ou de uma possível piscina.

Finalmente pode-se referir o *balneum* da *domus* do Cardoso da Saudade, documentado pelo achado de uma pequena piscina revestida com mosaicos, de forma retangular, composta por três degraus, com aproximadamente 1 m. de profundidade. O material laterício reconhecido no local, na sua grande maioria constituído por *lateres bessalis*, parece revelar, por outro lado, o arrasamento de

---

<sup>43</sup> FERNÁNDEZ VEGA, P. A. (1999). *La casa romana*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 220.

hipocaustos das salas aquecidas, uma vez que este tipo de tijolos era habitualmente usado para formalizar as *pilae*.

Os banhos de um conjunto habitacional são um indicador do nível social dos proprietários, pois a sua construção e manutenção requeriam um grande poder económico<sup>44</sup>. Por isso, não deixa de ser surpreendente o elevado número de *domus* com banhos que pode ser referenciado em *Bracara Augusta*, sobretudo a partir dos finais do século III/inícios do século IV. Autores como Manuela Martins já tinham sublinhado este indício, o qual parece demonstrar a presença de uma elite endinheirada na cidade durante todo o século IV, facto a que não serão estranhas as novas funções administrativas de *Bracara Augusta*, decorrentes da sua promoção a capital da nova província da *Gallaecia*, criada por Diocleciano<sup>45</sup>.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caracterização das áreas que formalizavam uma *domus* constitui uma tarefa complexa, pois a casa deve ser entendida como um organismo vivo, que estava em constante evolução, sendo ocupada por períodos de tempo longos, podendo abranger vários séculos, ao longo dos quais se registavam remodelações, motivadas por necessidades de manutenção, ou devido ao enriquecimento do proprietário. A maior dificuldade relaciona-se com a ausência de evidências dessas reformas no registo arqueológico, tais como a substituição de telhados, sendo perçecionadas, sobretudo, ampliações ou subdivisões de espaços, bem como a introdução de novos equipamentos como acontece com os banhos privados.

Por outro lado, a análise destas unidades habitacionais, incide, na maior parte dos casos, sobretudo em meio urbano, apenas sobre setores dos edifícios e não sobre a totalidade da casa. Desta forma, o estudo da funcionalidade dos espaços tem que combinar todas as informações disponíveis, desde os vestígios arqueológicos de muros, de pisos, ou rebocos, aos materiais arqueológicos exumados nas diferentes partes das casas. Foi essa a abordagem que seguimos, tentando conjugar toda a informação arqueológica disponível com as fontes literárias e também com os exemplares conhecidos de outras habitações romanas, tendo em vista compreendermos um pouco melhor a arquitetura doméstica de *Bracara Augusta*.

---

<sup>44</sup> URIBE AGUDO, P. (2004). «Arquitectura doméstica en Bilbilis: la Domus I». *Saldvie*, nº 4, pp. 191-220.

<sup>45</sup> MARTINS, M. e RIBEIRO, M. (2012). «Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar». Em MARTINS, M, VAZ DE FREITAS, I. e VAL VALDIVIESO (eds). *Caminhos da Água-Paisagens e Usos na Longa Duração*. Braga: CITCEM, pp. 9-52.

Há semelhança do que acontece em muitas outras cidades do ocidente do Império a maioria das casas identificadas em *Bracara Augusta* datam dos finais do período Júlio Cláudio e da época Flávia, numa época em que as elites urbanas dispunham já de dividendos significativos para construir habitações que adotam claramente os cânones itálicos e helenísticos. Estamos normalmente perante *domus* de peristilo que constituem o tipo dominante das casas de *Bracara Augusta*, ladeadas de pórticos que bordejam as vias e facilitam o acesso às lojas que se desenvolviam na parte baixa das casas. A partir de finais do século III muitas dessas *domus* sofrem alterações substantivas, vendo desaparecer os clássicos pórticos, que são integrados nas construções. Em compensação as casas adotam evidentes sinais de luxo, com a instalação de balneários privados, o que implicou por vezes uma profunda reordenação do espaço interno das casas, verificando-se igualmente o uso sistemático de mosaicos e de estuques.

As características apontadas estão presentes em várias *domus* da cidade, muito embora apenas sejam conhecidas limitadas partes das mesmas. Na verdade, a única casa romana que foi até ao momento integralmente escavada está representada pela *domus* das Carvalheiras, que fornece informações preciosas sobre a organização do espaço doméstico, sobre a natureza dos seus possesores, mas também sobre a atividade económica da cidade.

Uma análise detalhada da *domus* das Carvalheiras permite verificar a enorme desproporção existente entre as áreas da casa reservadas a receção e jardins e as áreas de serviços que ocupavam uns modestos 5% da área habitada, ou as áreas privadas que não ultrapassam 8% da mesma. O protagonismo dos espaços de receção em torno do átrio e do peristilo, ocupados por tablinos, triclinios e *exedrae*, demonstram uma clara assimilação dos modelos e componentes da arquitetura clássica de tradição helenística, o que subentende que o seu proprietário se integrava perfeitamente nos cânones da educação romana, transmitindo através do seu espaço doméstico indicadores do seu *status* social e da sua conformidade com o modo de estar e ser romano<sup>46</sup>.

Na análise das *domus* de *Bracara Augusta* é incontestável o domínio das áreas de receção, em torno do peristilo, sejam *tablina*, *triclinia* e *exedrae*, o que testemunha bem a assimilação dos modelos da arquitetura clássica por parte das elites da cidade. Por outro lado, os espaços de representação demonstram que os proprietários das unidades habitacionais se inseriam dentro de um processo de

---

<sup>46</sup> MARTINS, M, RIBEIRO, J, MAGALHÃES, F. e BRAGA, C. (2012a). «Urbanismo e Arquitetura de Bracara Augusta. Sociedade, economia e lazer». Em RIBEIRO, M. e SOUSA, A. (eds.). *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*. Braga: CITCEM, pp. 29-69.



competição social, usando a exibição das particularidades do seu património imobiliário como forma de reafirmar a sua posição dentro da cadeia de relações sociais que caracterizava o espaço urbano das cidades provinciais.

Neste sentido, entende-se que o estudo da arquitetura doméstica de qualquer cidade do mundo romano constitui um precioso indicador, não só do processo de adaptação dos modelos da arquitetura itálica nas províncias, como também da riqueza e nível cultural do seu corpo cívico.